

TARGINO, Maria das Graças. Olhares e Fragmentos: cotidiano da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Teresina: EDUFPI, 2006. 266 p. ISBN 85-7463-142-6.

Carmina Nogueira de Castro Ferreira

Maria das Graças Targino é nome bem conhecido e continuamente lembrado por todos aqueles que, como eu, viveram o desabrochar de uma Biblioteconomia brasileira criativa e respeitada internacionalmente. Gracinha (assim a conheci há mais de trinta anos, na época áurea da FEBAB e do movimento associativo) surgiu no ambiente biblioteconômico, ainda estudante, mas já prometendo vir a ser uma das “grandes damas” da Biblioteconomia brasileira, no dizer do emérito Professor Doutor Gastón Litton.

A leitura destes “Olhares e Fragmentos”, muito bem dividido em cinco partes que formam um todo coerente, dá-nos uma visão crítica não apenas do ambiente biblioteconômico mas da política educacional brasileira no decorrer de quatro décadas. Cada uma das partes está dividida em capítulos (19). No Preâmbulo, a autora explica como surgiu a idéia da coletânea de textos e a estrutura adotada na expectativa de que a publicação possa ser útil à classe bibliotecária. O Prefácio é de autoria da Professora Doutora em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Joana Coeli Ribeiro Garcia, e a Apresentação é feita pela Presidente da Associação dos Bibliotecários do Estado do Piauí, Patrícia Gómez de Matos.

Na Parte I, o Capítulo 1 inclui a manifestação da então estudante do recente curso de Biblioteconomia da UFPI. Em artigo publicado em 1968, no Jornal de Recife, a jovem Maria das Graças discute temas da maior atualidade em 2006. A futura bibliotecária, com ímpeto próprio da juventude, insurge-se contra a desvalorização da Biblioteca e do profissional bibliotecário, contra o acordo MEC/USAID e contra a Reforma Universitária.

Sem preocupações autobiográficas, no capítulo 2, a autora dá um salto de quase quatro décadas para, com lógica e coerência, analisar a atual situação da Universidade brasileira e as perspectivas da Reforma Universitária proposta pelo atual governo (2005). O texto condensa três matérias jornalísticas publicadas na imprensa de São Paulo e de Teresina. Os títulos dessas

matérias são altamente sugestivos e explicativos : “Universidade em Cotas ou ao Averso” (Jornal da Tarde, São Paulo); “A Reforma que Deforma” (O Dia, de Teresina); “Quimera ! Fantasia ! Ilusão ! “ (O Dia, Teresina). A autora, como cidadã consciente, não se cala sobre a decadência física e estrutural, quase generalizada, de nossas universidades públicas. Sem temor, com o ímpeto daquela jovem de dezessete anos, Maria das Graças refere-se ao Projeto de Reforma como um conjunto de “palavras e frases, repletas de teor ideológico e demagógico, vazias de concretude”. Como batalhadora na área de ensino médio e superior há mais de meio século, eu gostaria de assinar este capítulo ...

Nos capítulos 3, 4, 5 e 6 a autora comenta a anunciada morte do livro, já na década de 80, ante o avanço dos meios de comunicação de massa e da Internet; analisa o relacionamento de Cultura e Biblioteca; enumera as funções da Biblioteca como centro organizado de informações e elemento essencial para a conquista da cidadania por todos os indivíduos; estimula os bibliotecários a se transformarem em agentes de democratização.

Na Parte II, para estabelecer a concepção características e funções da Biblioteca, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, a autora questiona o conceito de “Conceito”, baseada em nomes famosos da área e dá um show de erudição. Lamenta que os esforços empreendidos pela classe bibliotecária, quando da elaboração da atual Constituição Brasileira, por meio de ações lideradas pela FEBAB, não tivessem surtido à época, o efeito necessário para que a Biblioteca e o Bibliotecário conquistassem o espaço merecido, a partir dos textos constitucionais.

Na Parte III, Maria das Graças Targino estuda, com muita clareza e profundidade, o exercício profissional no Brasil e no Estado do Piauí. Aponta, já na década de 80, a responsabilidade social do bibliotecário e a importância dos órgãos de classe na luta pela valorização profissional. E faz um questionamento válido em 2006. “Quantos de nós, bibliotecários, temos contribuído de forma enérgica, racional, constante e desinteressada para a melhoria de nossas associações de classe ?” Atribui à falta de espírito associativo o enfraquecimento da profissão. Ainda nesta III Parte, capítulo 13, apresenta um texto, publicado em 1996, na Revista da Escola de Biblioteconomia de Brasília, no qual analisa o Código de Ética do Bibliotecário em vigor e chama a atenção para a necessidade da revisão de procedimentos face ao avanço das novas tecnologias da informação e comunicação. Em outro capítulo (14), nas

considerações finais, a autora estabelece as exigências para que a Biblioteconomia possa conquistar espaço como práxis criadora (de acordo com M. do R. Cysne): que fortaleça seus paradigmas teóricos e reveja a relação teoria x prática; que os profissionais invistam mais na transformação social, via popularização do saber; que o tecnicismo predominante em suas ações dê lugar à humanização de sua prática.

O capítulo 15, que encerra a III Parte, transcreve a excelente análise publicada na Revista *Trans-In-Formação* (Campinas) intitulada “Quem é o profissional da Informação?”. Nele a autora discute questões conceituais da expressão “profissional da informação”; enumera os requisitos básicos e as atribuições desses profissionais no século XXI; conclui pela necessidade de rever a formação dos bibliotecários, a partir da graduação.

Na IV Parte, a autora disserta sobre a Biblioteca Universitária e prestação de serviços, sobre a divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador e sobre as potencialidades e limitações da informação na área da saúde.

Finalizando, na V Parte, inclui uma palestra proferida por Osvaldo Balmaseda Neyra, Doutor em Ciências Pedagógicas, da Pós-graduação do Ministério de Educação Superior, de Cuba. Nela o autor faz considerações sobre o risco da universalização lingüística, face ao processo de globalização, com extinção de vários idiomas e discute possíveis ameaças à integridade do Espanhol.

Cada capítulo é seguido de uma rica e atual Bibliografia.

Estes rápidos comentários não dão uma idéia da riqueza dos textos (verdadeiras aulas) que a autora reuniu, e em que dá sua abalizada opinião sobre alguns dos mais importantes, sempre atuais e instigantes assuntos da Biblioteconomia, com linguagem direta, simples e atraente; mas se servirem como recomendação para uma profícua leitura de meus colegas mas jovens, dar-me-ei por satisfeita.

CARMINDA NOGUEIRA DE CASTRO FERREIRA

Membro da FEBAB

E-mail: febab@febab.org.br

Artigo recebido em: 22 de maio de 2006
Aceito para publicação em: 10 de julho de 2006